

CURSO

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO



O PROCESSO OBSESSIVO

O PROCESSO OBSESSIVO

- O Livro dos Médiuns Item 237 a 240 e 243 – “A obsessão apresenta caracteres diversos, que é preciso distinguir e que resultam do grau do constrangimento e da natureza dos efeitos que produz. A palavra *obsessão* é, de certo modo, um termo genérico, pelo qual se designa esta espécie de fenômeno, cujas principais variedades são: *a obsessão simples, a fascinação e a subjugação.*”

O PROCESSO OBSESSIVO

- **“Dá-se a obsessão simples, quando um Espírito malfazejo se impõe a um médium, se imiscui, a seu mau grado, nas comunicações que ele recebe, o impede de se comunicar com outros Espíritos e se apresenta em lugar dos que são evocados.**

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Ninguém está obsidiado pelo simples fato de ser enganado por um Espírito mentiroso. O melhor médium se acha exposto a isso, sobretudo, no começo, quando ainda lhe falta a experiência necessária, do mesmo modo que, entre nós homens, os mais honestos podem ser enganados por velhacos. Pode-se, pois, ser enganado, sem estar obsidiado. A obsessão consiste na tenacidade de um Espírito, do qual não consegue desembaraçar-se a pessoa sobre quem ele atua.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Na obsessão simples, o médium sabe muito bem que se acha presa de um Espírito mentiroso e este não se disfarça; de nenhuma forma dissimula suas más intenções e o seu propósito de contrariar. O médium reconhece sem dificuldade a felonía e, como se mantém em guarda, raramente é enganado. Este gênero de obsessão é, portanto, apenas desagradável e não tem outro inconveniente, além do de opor obstáculo às comunicações que se desejara receber de Espíritos sérios, ou dos afeiçoados.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “A fascinação tem consequências muito mais graves. É uma ilusão produzida pela ação direta do Espírito sobre o pensamento do médium e que, de certa maneira, lhe paralisa o raciocínio, relativamente às comunicações.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “O médium fascinado não acredita que o estejam enganando: o Espírito tem a arte de lhe inspirar confiança cega, que o impede de ver o embuste e de compreender o absurdo do que escreve, ainda quando esse absurdo salte aos olhos de toda gente. A ilusão pode mesmo ir até ao ponto de o fazer achar sublime a linguagem mais ridícula.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Foi erro acreditar que a este gênero de obsessão só estão sujeitas as pessoas simples, ignorantes e baldas de senso. Dela não se acham isentos nem os homens de mais espírito, os mais instruídos e os mais inteligentes sob outros aspectos, o que prova que tal aberração é efeito de uma causa estranha, cuja influência eles sofrem.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Já dissemos que muito mais graves são as consequências da fascinação. Efetivamente, graças à ilusão que dela decorre, o Espírito conduz o indivíduo de quem ele chegou a apoderar-se, como faria com um cego, e pode levá-lo a aceitar as doutrinas mais estranhas, as teorias mais falsas, como se fossem a única expressão da verdade. Ainda mais, pode levá-lo a situações ridículas, comprometedoras e até perigosas.

O PROCESSO OBSESSIVO

- **“Compreende-se facilmente toda a diferença que existe entre a obsessão simples e a fascinação; compreende-se também que os Espíritos que produzem esses dois efeitos devem diferir de caráter. Na primeira, o Espírito que se agarra à pessoa não passa de um importuno pela sua tenacidade e de quem aquela se impacienta por desembaraçar-se. Na segunda, a coisa é muito diversa.**

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Para chegar a tais fins, preciso é que o Espírito seja destro, artiloso e profundamente hipócrita, porquanto não pode operar a mudança e fazer-se acolhido, senão por meio da máscara que toma e de um falso aspecto de virtude. Os grandes termos - caridade, humildade, amor de Deus - lhe servem como que de carta de crédito, porém, através de tudo isso, deixa passar sinais de inferioridade, que só o fascinado é incapaz de perceber.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Por isso mesmo, o que o fascinador mais teme são as pessoas que vêem claro. Daí o consistir a sua tática, quase sempre, em inspirar ao seu intérprete o afastamento de quem quer que lhe possa abrir os olhos. Por esse meio, evitando toda contradição, fica certo de ter razão sempre.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “A subjugação é uma constrição que paralisa a vontade daquele que a sofre e o faz agir a seu mau grado. Numa palavra: o paciente fica sob um verdadeiro *jugo*.”
- “A subjugação pode ser *moral ou corporal*. No primeiro caso, o subjugado é constrangido a tomar resoluções muitas vezes absurdas e comprometedoras que, por uma espécie de ilusão, ele julga sensatas: é uma como fascinação.”

O PROCESSO OBSESSIVO

- “No segundo caso, o Espírito atua sobre os órgãos materiais e provoca movimentos involuntários.
- [...]“Vai, às vezes, mais longe a subjugação corporal; pode levar aos mais ridículos atos. Conhecemos um homem, que não era jovem, nem belo e que, sob o império de uma obsessão dessa natureza, se via constrangido, por uma força irresistível, a pôr-se de joelhos diante de uma moça a cujo respeito nenhuma pretensão nutria e pedi-la em casamento.

O PROCESSO OBSESSIVO

- “Outras vezes, sentia nas costas e nos jarretes uma pressão enérgica, que o forçava, não obstante a resistência que lhe opunha, a se ajoelhar e beijar o chão nos lugares públicos e em presença da multidão. Esse homem passava por louco entre as pessoas de suas relações; estamos, porém, convencidos de que absolutamente não o era; porquanto tinha consciência plena do ridículo do que fazia contra a sua vontade e com isso sofria horrivelmente.

**MEDIUNIDADE E
ESPÍRITO DE
SERVIÇO**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Livro Os Mensageiros – André Luiz – Centro dos Mensageiros, onde se preparam médiuns e doutrinadores em Nosso Lar.
- “O Centro prepara entidades a fim de que se transformem em cartas vivas de socorro e auxílio aos que sofrem no Umbral, na Crosta e nas Trevas. Acreditaria, porventura, que tanto trabalho se destinasse apenas a mera movimentação de noticiário? Amplie suas vistas.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Este serviço é a cópia de quantos se vêm fazendo nas mais diversas cidades espirituais dos planos superiores. Preparam-se aqui numerosos companheiros para a difusão de esperanças e consolos, instruções e avisos, nos diversos setores da evolução planetária. Não me refiro tão só a emissários invisíveis. Organizamos turmas compactas de aprendizes para a reencarnação. Médiuns e doutrinadores saem daqui às centenas, anualmente.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Tarefeiros do conforto espiritual encaminham-se para os círculos carnavais, em quantidade considerável, habilitados pelo nosso Centro de Mensageiros.
- — Que me diz? — interroguei, surpreso. — Segundo seus informes, os trabalhos de esclarecimento espiritual devem estar muitíssimo adiantados no mundo!...
- Fixou Tobias expressão singular, sorriu tranqüilamente e explicou:

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- — Você não ponderou, todavia, meu caro André, que essa preparação não constitui, ainda, a realização propriamente dita. Saem milhares de mensageiros aptos para o Serviço, mas são muito raros os que triunfam. Alguns conseguem execução parcial da tarefa, outros muitos fracassam de todo. O serviço legítimo não é fantasia. É esforço sem o qual a obra não pode aparecer nem prevalecer.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Longas fileiras de médiuns e doutrinadores para o mundo carnal partem daqui, com as necessárias instruções, porque os benfeitores da Espiritualidade Superior, para intensificarem a redenção humana, precisam de renúncia e de altruísmo. Quando os mensageiros se esquecem do espírito missionário e da dedicação aos semelhantes, costumam transformar-se em instrumentos inúteis.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Há médiuns e mediunidade, doutrinadores e doutrina, como existem a enxada e os trabalhadores. Pode a enxada ser excelente, mas, se falta espírito de serviço no cultivador, o ganho da enxada será inevitavelmente a ferrugem. Assim acontece com as faculdades psíquicas e com os grandes conhecimentos. A expressão mediúnica pode ser riquíssima; entretanto, se o dono não consegue olhar além dos interesses próprios, fracassará fatalmente na tarefa que lhe foi conferida.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Acredite, meu caro, que todo trabalho construtivo tem as batalhas que lhe dizem respeito. São muito escassos os servidores que toleram as dificuldades e revezes das linhas de frente. Esmagadora percentagem permanece a distância do fogo forte.**
- **Trabalhadores sem conta recuam quando a tarefa abre oportunidades mais valiosas.**
- **Algo impressionado, considere.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- — Isto me surpreende sobremaneira. Não supunha fossem preparados, aqui, determinados mensageiros para a vida carnal.
- — Ah! meu amigo — falou Tobias sorridente —, poderia você admitir que as obras do bem estivessem circunscritas a simples operações automáticas?

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Nossa visão, na Terra, costuma viciar-se no círculo dos cultos externos, na atividade religiosa. Cremos, por lá, resolver todos os problemas pela atitude suplicante. Entretanto, a genuflexão não soluciona questões fundamentais do espírito, nem a mera adoração à Divindade constitui a máxima edificação.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Em verdade, todo ato de humildade e amor é respeitável e santo, e, incontestavelmente, o Senhor nos concederá suas bênçãos; no entanto, é imprescindível considerar que a manutenção e limpeza do vaso, para recolhê-las, é dever que nos assiste. Não preparamos, pois, neste Centro, simples postalistas, mas espíritos que se transformem em cartas vivas de Jesus para a Humanidade encarnada. Pelo menos, este é o programa de nossa administração espiritual...**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Calei, emocionado, ponderando a grandeza dos ensinamentos. Meu companheiro, após longa pausa, prosseguiu observando:
- — Raros triunfam, porque quase todos estamos ainda ligados a extenso pretérito de erros criminosos, que nos deformaram a personalidade. Em cada novo ciclo de empreendimentos carnais, acreditamos muito mais em nossas tendências inferiores do passado, que nas possibilidades divinas do presente, complicando sempre o futuro.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- E' desse modo que prosseguimos, por lá, agarrados ao mal e esquecidos do bem, chegando, por vezes, ao disparate de interpretar dificuldades como punições, quando todo obstáculo traduz oportunidade verdadeiramente preciosa aos que já tenham “olhos de ver”.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Orientação do Instrutor Telésforo:**
- **[...] Desde as primeiras tarefas do Espiritismo renovador, “Nosso Lar” tem enviado diversas turmas ao trabalho de disseminação de valores educativos. Centenas de companheiros partem daqui anualmente, aliando necessidades de resgate ao serviço redentor; mas ainda não conseguimos os resultados desejáveis. Alguns alcançaram resultados parciais nas tarefas a desenvolver, mas a maioria tem fracassado ruidosamente.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Nossos institutos de socorro de balde movimentam medidas de assistência indispensáveis. Raríssimos conquistam algum êxito nos delicados mistérios da mediunidade e da doutrinação.**
- **Outras colônias de nossa esfera providenciam tarefas da mesma natureza, mas pouquíssimos são os que se lembram das realidades eternas, no “outro lado do véu”... A ignorância domina a maioria das consciências encarnadas. E a ignorância é mãe das misérias, das fraquezas, dos crimes.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Grandes instrutores, nos fluidos da carne, amedrontam-se por sua vez, diante dos atritos humanos, e se recolhem, indevidamente, na concepção que lhes é própria.**
- **Esquecem-se de que Jesus não esperou que os homens lhe atingissem as glórias magnificentes e que, ao invés, desceu até ao plano dos homens para amar, ensinar e servir. Não exigiu que as criaturas se fizessem imediatamente iguais a Ele, mas fêz-se como os homens, para ajudá-los na subida áspera.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- E, com profundo brilho no olhar, Telésforo acentuou, depois de pequeno Intervalo:
- — Se o Mestre Divino adotou essa norma, que dizer das nossas obrigações de criaturas falidas?
- Abstraindo-nos das necessidades imensas de outros grupos, procuremos identificar as falhas existentes naqueles que nos são afins.
- Em derredor de nós mesmos, os laços pessoais constituem extenso campo de atividade para o testemunho.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Cesse, para nós outros, a concepção de que a Terra é o vale tenebroso, destinado a quedas lamentáveis, e agasalhemos a certeza de que a esfera carnal é uma grande oficina de trabalho redentor. Preparemo-nos para a cooperação eficiente e indispensável. Esqueçamos os erros do passado e lembremo-nos de nossas obrigações fundamentais.
- A causa geral dos desastres mediúnicos é a ausência da noção de responsabilidade e da recordação do dever a cumprir.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Quantos de vós fostes abonados, aqui, por generosos benfeitores que buscaram auxiliar-vos, condoídos de vosso pretérito cruel? Quantos de vós partistes, entusiastas, formulando enormes promessas? Entretanto, não soubestes recapitular dignamente, para aprender a servir, conforme os desígnios superiores do Eterno.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Quando o Senhor vos enviava possibilidades materiais para o necessário, regressáveis à ambição desmedida; ante o acréscimo de misericórdia do labor intensificado, agarrastes a idéia da existência cômoda; junto às experiências afetivas, preferistes os desvios sexuais; ao lado da família, voltastes à tirania doméstica, e aos interesses da vida eterna sobrepujastes as sugestões inferiores da preguiça e da vaidade.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- Destes-vos, na maioria, à palavra sem responsabilidade e à indagação sem discernimento, amontoando atividades inúteis. Como médiuns, muitos de vós preferíeis a inconsciência de vós mesmos; como doutrinadores, formuláveis conceitos para exportação, jamais para uso próprio.
- Que resultado atingimos? Grandes massas batem às fontes do Espiritismo sagrado, tão só no propósito de lhe mancharem as águas.

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Não são procuradores do Reino de Deus os que lhe forçam, desse modo, as portas, e sim caçadores dos interesses pessoais. São os sequiosos da facilidade, os amigos do menor esforço, os preguiçosos e delinquentes de todas as situações, que desejam ouvir os Espíritos desencarnados, receosos da acusação que lhes dirige a própria consciência. O fel da dúvida invade o bálsamo da fé, nos corações bem intencionados. A sede de proteção indevida azorraga os seguidores da ociosidade.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **A ignorância e a maldade entregam-se às manifestações Inferiores da magia negra.**
- **Tudo por que, meus irmãos? Porque não temos sabido defender o sagrado depósito, por termos esquecido, em nossos labores carnais, que Espiritismo é revelação divina para a renovação fundamental dos homens. Não atendemos, ainda, como se faz indispensável, à construção do “Reino de Deus” em nós.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Contudo, não abandonemos nossos deveres a meio da tarefa. Voltemos ao campo, retificando as sementeiras. O Ministério da Comunicação vem incentivando esse movimento renovador. Necessitamos de servidores de boa vontade, leais ao espírito da fé. Não serão admitidos os que não desejarem conhecer a glória oculta da cruz do testemunho, nem atendem aqui os que se aproximem com objetivos diferentes...**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Aqui estamos todos, companheiros da Comunicação, endividados com o mundo, mas esperançosos de êxito em nossa tarefa permanente. Levantemos o olhar. O Senhor renova diariamente nossas benditas oportunidades de trabalho, mas, para atingirmos os resultados precisos, é imprescindível sejamos seguidores da renúncia ao inferior. Nenhum de nós, dos que aqui nos encontramos, está livre do ciclo de reencarnações na Crosta.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Todos, portanto, somos sequiosos de Vida Eterna. Não olvidemos, desse modo, o Calvário de Nosso Senhor, convictos de que toda saída dos planos mais baixos deve ser uma subida para a esfera superior. E ninguém espere subir, espiritualmente, sem esforço, sem suor e sem lágrimas!...**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **642. *Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?***
- **“Não; cumpre-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal *que haja resultado de não haver praticado o bem.*”**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **Em termos práticos para que o Médium possa tornar a sua mediunidade um compromisso de fidelidade a Jesus, e, com isso, tornar-se resistente à obsessão é necessário fazer uma avaliação honesta e autêntica sobre o nível de consciência do bem e do mal que tem praticado, em nível dos pensamentos, sentimentos e emocionais-comportamentais.**

MEDIUNIDADE E ESPÍRITO DE SERVIÇO

- **É necessário tomar consciência do nível do bem que pratica, do bem que está deixando de realizar, do mal que pratica, e do mal que está aprendendo a evitar em nível dos pensamentos, sentimentos e emocionais-comportamentais.**

**MEDIUNIDADE E
OBSESSÃO –
ESTRATÉGIA DAS
SOMBRA NOS DIAS
ATUAIS**

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO – ESTRATÉGIA DAS SOMBRAS NOS DIAS ATUAIS

- **Philomeno de Miranda – na obra Transtornos psiquiátricos e obsessivos alerta sobre uma trama das trevas organizadas para ridicularizar a Doutrina Espírita e a mediunidade, promovendo a superficialidade, a ausência de estudos da própria mediunidade e a ideia de que Allan Kardec está ultrapassado.**

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO – ESTRATÉGIA DAS SOMBRAS NOS DIAS ATUAIS

- **Comunicação que obtivemos de um dos líderes das sombras:**
- **Acompanhar os médiuns e demais participantes das reuniões mediúnicas que estão atuando na desintegração das trevas e alcançá-los nos núcleos de seus lares e do trabalho espiritual.**

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO – ESTRATÉGIA DAS SOMBRAS NOS DIAS ATUAIS

- **Observar o movimento emocional pessoal de todos os participantes para detectar os pontos fracos.**
- **Observar com cuidado o movimento específico em relação à família, registrando onde estão os pontos de conflito dentro de casa para estimulá-los.**

MEDIUNIDADE E OBSESSÃO – ESTRATÉGIA DAS SOMBRAS NOS DIAS ATUAIS

- **Reconhecer quem são as criaturas que convivem com eles nos seus núcleos de trabalho espiritual para estimular as desavenças.**
- **Estimular onde houver a mínima situação de idolatria e simpatia exagerada.**
- **Estimular onde houver a mínima situação de ofensividade e antipatia gratuita.**

A QUEDA DE OTÁVIO

A QUEDA DE OTÁVIO

- Os Mensageiros – capítulo 7 – Em breves momentos, não me achava tão só à frente das irmãs Isaura e Isabel, mas do próprio Otávio, um pálido senhor que aparentava quarenta anos.
- —Também sou principiante aqui — expliquei — e minha condição é a do médico falido nos deveres que o Senhor lhe confiou.
- Otávio sorriu e respondeu:

A QUEDA DE OTÁVIO

- —Possivelmente, o meu amigo terá a seu favor o fato de haver ignorado as verdades eternas, no mundo. O mesmo não ocorre comigo, ai de mim! Não desconhecia o roteiro certo, que o Pai me designava para as lutas na Terra. Não possuía títulos oficializados de competência; entretanto, dispunha de considerável cultura evangélica, coisa que, para a vida eterna, é de maior importância que a cultura intelectual, simplesmente considerada.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Tive amigos generosos do plano superior, que se faziam visíveis aos meus olhos, recebi mensagens repletas de amor e sabedoria e, no entanto, cai mesmo assim, obedecendo à imprevidência e à vaidade.
- As observações de Otávio impressionavam-me vivamente. Quando no mundo, eu não tivera contacto especial com as escolas espiritistas e experimentava certa dificuldade para compreender tudo quanto ele desejava dizer.

A QUEDA DE OTÁVIO

- — Ignorava a extensão das responsabilidades mediúnicas — respondi.
- — As tarefas espirituais — tornou o interlocutor, algo acabrunhado — ocupam-se de interesses eternos e daí a enormidade de minha falta. Os mordomos de bens da alma estão investidos de responsabilidades pesadíssimas. Os estudiosos, os crentes, os simpatizantes, no campo da fé, podem alegar ignorância e inibição; todavia, os sacerdotes não têm desculpa. É o mesmo que se verifica na tarefa mediúnica.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Os aprendizes ou beneficiários, nos templos da Revelação nova, podem referir-se a determinados impedimentos; mas o missionário é obrigado a caminhar com um patrimônio de certezas tais, que coisa alguma o exonera das culpas adquiridas.
- — Mas, meu amigo — perguntei, assaz impressionado —, que teria motivado seu martírio moral? Noto-o tão consciente de si mesmo, tão superiormente informado sobre as leis da vida, que me custa acreditar se encontre necessitado de novas experiências nesse capítulo...

A QUEDA DE OTÁVIO

- [...] — Relatarei minha queda. Verá como perdi maravilhosa oportunidade de elevação.
- E, após mais longa pausa, continuou, gravemente:
- - Depois de contrair dividas enormes na esfera carnal, noutro tempo, vim bater às portas de “Nosso Lar”, sendo atendido por irmãos dedicados, que se revelaram incansáveis para comigo.

A QUEDA DE OTÁVIO

- **Preparei-me, então, durante trinta anos consecutivos, para voltar à Terra em tarefa mediúnica, desejoso de saldar minhas contas e elevar-me alguma coisa. Não faltaram lições verdadeiramente sublimes, nem estímulos santos ao meu coração imperfeito. O Ministério da Comunicação favoreceu-me com todas as facilidades e, sobretudo, seis entidades amigas movimentaram os maiores recursos em benefício do meu êxito. Técnicos do Auxílio acompanharam-me à Terra, nas vésperas do meu renascimento, entregando-me um corpo físico rigorosamente sadio.**

A QUEDA DE OTÁVIO

- Segundo a magnanimidade dos meus benfeitores daqui, ser-me-ia concedido certo trabalho de relevo, na esfera de consolação às criaturas. Permaneceria junto das falanges de colaboradores encarregados do Brasil, animando-lhes os esforços o atendendo a irmãos outros, ignorantes, perturbados ou infelizes. O matrimônio não deveria entrar na linha de minhas cogitações, não que o casamento possa colidir com o exercício da mediunidade, mas porque meu caso particular assim o exigia.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Nada obstante, solteiro, deveria receber, aos vinte anos, os seis amigos que muito trabalharam por mim, em “Nosso Lar”, os quais chegariam ao meu círculo como órfãos. Meu débito para com essas entidades tornou-se muito grande e a providência não só constituiria agradável resgate para mim, como também garantia de triunfo pelo serviço de assistência a elas, o que me preservaria o coração de leviandades e vacilações, porquanto o ganha-pão laborioso me compelia a não aceder a sugestões inferiores nos domínios do sexo e das ambições incontidas.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Ficou também assentado que minhas atividades novas começariam com muitos sacrifícios, para que o possível carinho de outrem não amolecesse a minha fibra de realização, e para que se não escravizasse minha tarefa a situações caprichosas do mundo, distantes dos desígnios de Jesus, e, sobretudo, para que fosse mantida a impessoalidade do serviço.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Mais tarde, então, com o correr dos anos de edificação, me enviariam de “Nosso Lar” socorros materiais, cada vez maiores, à medida que fosse testemunhando renúncia de mim mesmo, desprendimento das posses efêmeras, desinteresse pela remuneração dos sentidos, de maneira a intensificar, progressivamente, a sementeira de amor confiada às minhas mãos.
- Tudo combinado, voltei, não só prometendo fidelidade aos meus instrutores, como também hipotecando a certeza do meu devotamento às seis entidades amigas, a quem muito devo até agora.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Otávio, nesse momento, fez uma pausa mais longa, suspirou fundamente, e prosseguiu:
- — Mas, ai de mim, que olvidei todos os compromissos! Os benfeitores de “Nosso Lar” localizaram-me ao lado de verdadeira serva de Jesus. Minha mãe era espiritista cristã desde moça, não obstante as tendências materialistas de meu pai, que era, todavia, um homem de bem. Aos treze anos fiquei órfão de mãe e, aos quinze, começaram para mim os primeiros chamados da esfera superior.

A QUEDA DE OTÁVIO

- **Por essa ocasião, meu pai contraiu segundas núpcias, e, apesar da bondade e cooperação que a madrasta me oferecia, eu me colocava num plano de falsa superioridade, a respeito dela. Em vão, minha genitora endereçou, do invisível, apelos sagrados ao meu coração. Eu vivia revoltado, entre queixas e lamentações descabidas. Meus parentes conduziram-me a um grupo espiritista de excelente orientação evangélica, onde minhas faculdades poderiam ser postas a serviço dos necessitados e sofredores; entretanto, faltavam-me qualidades de trabalhador e companheiro fiel.**

A QUEDA DE OTÁVIO

- **Minha negação em matéria de confiança nos orientadores espirituais e acentuado pendor para a crítica dos atos alheios compeliaram-me a desagradável estacionamento. Os beneméritos amigos do invisível estimulavam-me ao serviço, mas eu duvidava deles com a minha vaidade doentia. E como prosseguissem os apelos sagrados, por mim interpretados como alucinações, procurei um médico que me aconselhou experiências sexuais.**

A QUEDA DE OTÁVIO

- Completara, então, dezenove anos e entreguei-me desenfreadamente ao abuso de faculdades sublimes. Desejava conciliar, à força, o prazer delituoso e o dever espiritual, alheando-me, cada vez mais, dos ensinamentos evangélicos que os amigos da esfera superior nos ministravam. Tinha pouco mais de vinte anos, quando meu pai foi arrebatado pela morte. Com a triste ocorrência, ficavam na orfandade seis crianças desfavorecidas, porquanto minha madrasta, ao se consorciar com meu genitor, lhe trouxera para a tutela três pequeninos.

A QUEDA DE OTÁVIO

- **Em vão implorou-me socorro a pobre viúva. Nunca me dignei aceitar os encargos redentores que me estavam destinados. Após dois anos de segunda viuvez, minha desventurada madrasta foi recolhida a um leprosário. Afastei-me, então, dos pequenos órfãos, tomado de horror. Abandonei-os definitivamente, sem refletir que lançava meus credores generosos, de “Nosso Lar”, a destino incerto. Em seguida, dando largas à ociosidade, cometi uma ação menos digna e fui obrigado a casar-me pela violência.**

A QUEDA DE OTÁVIO

- Mesmo assim, porém, persistiam os chamados do invisível, revelando-me a inesgotável misericórdia do Altíssimo. Contudo, à medida que olvidava meus deveres, toda tentativa de realização espiritual figurava-se-me mais difícil. E continuou a tragédia que inventei para meu próprio tormento. A esposa a que me ligara, tão somente por apetites inconfessáveis, era criatura muito inferior à minha condição espiritual e atraiu uma entidade monstruosa, em ligação com ela, para tomar o papel de meu filho.

A QUEDA DE OTÁVIO

- Releguei à rua seis carinhosas crianças, cuja convivência concorreria decisivamente para minha segurança moral, mas a companheira e o filho, ao que me pareceu, incumbiram-se da vingança. Atormentaram-me ambos, até ao fim da existência, quando para aqui regresssei, mal tendo completado quarenta anos, roído pela sífilis, pelo álcool e pelos desgostos... sem nada haver feito para meu futuro eterno... Sem construir coisa alguma no terreno do bem...

A QUEDA DE OTÁVIO

- Enxugou os olhos tímidos e concluiu: Como vê, realizei todos os meus condenáveis desejos, menos os desejos de Deus. Foi por isso que fali, agravando antigos débitos...
- Nesse instante, calou-se como se alguma coisa Invisível lhe constringisse a garganta.
- Abracei-o com simpatia fraternal, ansioso de proporcionar-lhe estímulo ao coração, mas Dona Isaura aproximou-se mais, acariciou-lhe a fronte e falou:

A QUEDA DE OTÁVIO

- — Não chores, filho! Jesus não nos falta com a bênção do tempo. Tem calma e coragem...
- E identificando-lhe o carinho, meditei na Bondade Divina, que faz ecoar o cântico sublime do amor de mãe, mesmo nas regiões de além-morte.

ASPECTOS PSICO- ESPIRITUAIS DA QUEDA DE OTÁVIO

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DA QUEDA DE OTÁVIO

- Reflitamos sobre o caso de Otávio com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DA QUEDA DE OTÁVIO

- **Não utilização da cultura evangélica obtida nos 30 anos de preparação no mundo espiritual, bem como das orientações dos Benfeitores espirituais, para meditar sobre a própria vida devido à imprevidência e vaidade.**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DA QUEDA DE OTÁVIO

- **Início da tarefa com muitos sacrifícios, principalmente no ganha-pão diário para manter as 6 entidades amigas que viriam para a sua guarda para que pudesse se preservar das tentações do mundo. Facilidades somente aconteceriam “à medida que fosse testemunhando renúncia de mim mesmo, desprendimento das posses efêmeras, desinteresse pela remuneração dos sentidos, de maneira a intensificar, progressivamente, a sementeira de amor confiada às minhas mãos.”**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DA QUEDA DE OTÁVIO

- **Complexo de superioridade que se manifestava especialmente em relação à madrasta.**
- **Interpretação dos fenômenos mediúnicos como alucinação devido ao autoengano.**
- **Abusos sexuais, alcoolismo tentando “conciliar, à força, prazer delituoso e dever espiritual”.**

O DESASTRE DE ACELINO

O DESASTRE DE ACELINO

- Os Mensageiros – André Luiz – capítulo 8 –
la dirigir-me a Otávio novamente, quando
alguém se aproximou e falou ao ex-médium,
com voz forte:
- — Não chore, meu caro. Você não está
desamparado. Além disso, pode contar com o
devotamento materno. Vivo em piores
condições, mas não me faltam esperanças.
Sem dúvida, estamos em bancarrota
espiritual; no entanto, é razoável
aguardarmos, confiantes, novo empréstimo
de oportunidades do Tesouro Divino. Deus
não está pobre.

O DESASTRE DE ACELINO

- Voltei-me surpreendido e não reconheci o recém-chegado.
- Dona Isaura fez o obséquo das apresentações.
- Estávamos diante de Acelino, que partilhara a mesma experiência.
- Fitando-o, triste, Otávio sorriu e advertiu:
- — Não sou um criminoso para o mundo, mas sou um falido para Deus e para “Nosso Lar”

O DESASTRE DE ACELINO

- — Sejam, porém, lógicos — revidou Acelino, parecendo mais encorajado —, você perdeu a partida porque não jogou, e eu a perdi jogando desastradamente. Tive onze anos de tormento nas zonas inferiores. Sua situação não reclamou esse drástico. Mesmo assim, confio na Providência.
- Nesse instante, interveio Vicente, acrescentando:
- — Cada um de nós tem a experiência que lhe é própria. Nem todos ganham nas provas terrestres.

O DESASTRE DE ACELINO

- E voltando-se de modo especial, para mim, aduziu:
- — Quantos de nós, os médicos, perdemos lamentavelmente na luta?
- Depois de concordar, trazendo à baila o meu próprio caso, objetei:
- —Seria, porém, muitíssimo interessante conhecer a experiência de Acelino. Teria sofrido o mesmo acidente de Otávio? Creio de grande aproveitamento penetrar essas lições.

O DESASTRE DE ACELINO

- No mundo, não compreendia bem o que fossem tarefas espirituais, mas aqui a nossa visão se modifica. Há que cogitar do nosso futuro eterno.
- Acelino sorriu e obtemperou:
- — Minha história é muito diferente. A queda que experimentei apresenta características diversas e, a meu ver, muito mais graves.
- E, atendendo-nos a expectativa, prosseguiu, narrando:

O DESASTRE DE ACELINO

- — Também parti de “Nosso Lar”, no século findo, após receber valioso patrimônio instrutivo dos nossos assessores. Segui enriquecido de bênçãos.
- Uma de nossas beneméritas Ministras da Comunicação presidiu, em pessoa, as medidas atinentes à minha nova tarefa. Não faltaram providências para que me felicitassem a saúde do corpo e o equilíbrio da mente. Após formular grandes promessas aos nossos maiores, parti para uma das grandes cidades brasileiras, em serviço de nossa colônia.

O DESASTRE DE ACELINO

- O casamento estava em meu roteiro de realizações. Ruth, minha devotada companheira, incumbir-se-ia de colaborar comigo para melhor desempenho das tarefas.
- Cumprida a primeira parte do programa, aos vinte anos de idade fui chamado à tarefa mediúnica, recebendo enorme amparo dos benfeitores invisíveis.

O DESASTRE DE ACELINO

- **Recordo ainda a sincera satisfação dos companheiros do grupo doutrinário. A vidência, a audição e a psicografia, que o Senhor me concedera, por misericórdia, constituíam decisivos fatores de êxito em nossas atividades. A alegria de todos era inexcedível. Entretanto, apesar das lições maravilhosas de amor evangélico, inclinei-me a transformar minhas faculdades em fonte de renda material.**

O DESASTRE DE ACELINO

- Não me dispus a esperar pelos abundantes recursos que o Senhor me enviaria mais tarde, após meus testemunhos no trabalho, e provoquei, eu mesmo, a solução dos problemas lucrativos. Não era meu serviço igual a outros? Não recebiam os sacerdotes católicos-romanos a remuneração de trabalhos espirituais e religiosos? Se todos pagávamos por serviços ao corpo, que razões haveria para fugir ao pagamento por serviços à alma? Amigos, inscientes do caráter sagrado da fé, aprovavam-me as conclusões egoísticas.

O DESASTRE DE ACELINO

- Admitiamos que, no fundo, o trabalho essencial era dos desencarnados, mas também havia colaboração minha, pessoal, como intermediário, pelo que devia ser justa a retribuição.
- Debalde, movimentaram-se os amigos espirituais aconselhando-me o melhor caminho. Em vão, companheiros encarnados chamavam-me a esclarecimento oportuno. Agarrei-me ao interesse inferior e fixei meu ponto de vista.

O DESASTRE DE ACELINO

- Ficaria definitivamente por conta dos consultentes. Arbitrei o preço das consultas, com bonificações especiais aos pobres e desvalidos da sorte, e meu consultório encheu-se de gente. Interesse enorme foi despertado entre os que desejavam melhoras físicas e solução de negócios materiais. Grande número de famílias abastadas tomou-me por consultor habitual, para todos os problemas da vida.

O DESASTRE DE ACELINO

- As lições de espiritualidade superior, a confraternização amigável, o serviço redentor do Evangelho e as preleções dos emissários divinos ficaram a distância. Não mais a escola da virtude, do amor fraternal, da edificação superior, e sim a concorrência comercial, as ligações humanas legais ou criminosas, os caprichos apaixonados, os casos de polícia e todo um cortejo de misérias da Humanidade, em suas experiências menos dignas.

O DESASTRE DE ACELINO

- Transformara-se completamente a paisagem espiritual que me rodeava. A força de me cercar de pessoas criminosas, por questões de ganho sistemático, as baixas correntes mentais dos inquietos clientes encarceraram-me em sombria cadeia psíquica. Cheguei ao crime de zombar do Evangelho de Nosso Senhor Jesus, esquecido de que os negócios delituosos dos homens de consciência viciada contam igualmente com entidades perniciosas, que se interessam por eles nos planos invisíveis.

O DESASTRE DE ACELINO

- E transformei a mediunidade em fonte de palpites materiais e baixos avisos.
- Nesse momento, os olhos do narrador cobriram-se de súbita vermelhidão, estampando-se-lhe fundo horror nas pupilas, como se estivesse revivendo atrozes dilacerações.
- — Mas a morte chegou, meus amigos, e arrancou-me a fantasia — prosseguiu mais grave.

O DESASTRE DE ACELINO

- Desde o instante da grande transição, a ronda escura dos consulentes criminosos, que me haviam precedido no túmulo, rodeou-me a reclamar palpites e orientações de natureza inferior. Queriam notícias de cúmplices encarnados, de resultados comerciais, de soluções atinentes a ligações clandestinas.
- Gritei, chorei, implorei, mas estava algemado a eles por sinistros elos mentais, em virtude da imprevidência na defesa do meu próprio patrimônio espiritual.

O DESASTRE DE ACELINO

- Durante onze anos consecutivos, expiei a falta, entre eles, entre o remorso e a amargura.
- Acelino calou-se, parecendo mais comovido, em vista das lágrimas abundantes. Fundamente sensibilizado, Vicente considerou:
 - — Que é isso? Não se atormente assim. Você não cometeu assassínios, nem alimentou a intenção deliberada de espalhar o mal. A meu ver, você enganou-se também, como tantos de nós.

O DESASTRE DE ACELINO

- Acelino, porém, enxugou o pranto e respondeu:
- — Não fui homicida nem ladrão vulgar, não mantive o propósito íntimo de ferir ninguém, nem desrespeitei alheios lares, mas, indo aos círculos carnavais para servir às criaturas de Deus, nossos irmãos, auxiliando-os no crescimento espiritual com Jesus, apenas fiz viciados da crença religiosa e delinquentes ocultos, mutilados da fé e aleijados do pensamento.

O DESASTRE DE ACELINO

- Não tenho desculpas, porque estava esclarecido; não tenho perdão, porque não me faltou assistência divina.
- E, depois de longa pausa, concluiu gravemente:
- — Podem avaliar a extensão da minha culpa?

ASPECTOS PSICO- ESPIRITUAIS DO CASO DE ACELINO

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE ACELINO

- Reflitamos sobre o caso de Acelino com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPITUAIS DO CASO DE ACELINO

- **Ambição por posses materiais, transformando suas faculdades em fonte de renda material;**
- **Autoengano por comparar a atividade mediúnica com a dos sacerdotes remunerados, sabendo “que, no fundo, o trabalho essencial era dos desencarnados, mas também havia colaboração minha, pessoal, como intermediário, pelo que devia ser justa a retribuição.”**

ASPECTOS PSICO-ESPÍRITUAIS DO CASO DE ACELINO

- Em vez de estimular a fé e a transformação interior nos demais, tarefa imprescindível para todos os médiuns, fez o contrário, estimulando os “viciados da crença religiosa e delinquentes ocultos, mutilados da fé e aleijados do pensamento.” Ao fazer isso ligou-se profundamente a eles, tornando-os dependentes de suas falsas orientações.
- Sentimento de culpa.

**OS CASOS DE
MARIANA E SUA
AMIGA –
DIFICULDADES
CONJUGAIS**

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- - Fiz quanto pude — exclamava uma velhinha simpática para duas companheiras que a escutavam atentamente —; no entanto, os laços de família são muito fortes. Algo se fazia ouvir sempre, com voz muito alta, em meu espírito, compelindo-me ao desempenho da tarefa; mas... e o marido? Amâncio nunca se conformou. Se os enfermos me procuravam no receituário comum, agravava-se-lhe a neurastenia; se os companheiros de doutrina me convidavam aos estudos evangélicos, revoltava-se, ciumento.

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- **Que pensam vocês? Chegava a mobilizar minhas filhas contra mim. Como seria possível, em tais circunstâncias, atender a obrigações mediúnicas?**
- **— Todavia — ponderou uma das senhoras que parecia mais segura de si —, sempre temos recursos e pretextos para fugir às culpas. Encaremos nossos problemas com realismo. Há de convir que, com o socorro da boa vontade, sempre lhe ficariam alguns minutos na semana e algumas pequenas oportunidades para fazer o bem.**

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- Talvez pudesse conquistar o entendimento do esposo e a colaboração afetuosa das filhas, se trabalhasse em silêncio, mostrando sincera disposição para o sacrifício. Nossos atos, Mariana, são muito mais contagiosos que as nossas palavras.
- — Sim — respondeu a interlocutora, emitindo voz diferente —, concordo com a observação. Em verdade, nunca pude sofrer a incompreensão dos meus, sem reclamar.

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- — Para trabalharmos com eficiência — tornou a companheira, sensata —, é preciso saber calar, antes de tudo. Teríamos atendido perfeitamente aos nossos deveres, se tivéssemos usado todas as receitas de obediência e otimismo que fornecemos aos outros. Aconselhar é sempre útil, mas aconselhar excessivamente pode traduzir esquecimentos de nossas obrigações.**

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- **Assim digo, porque meu caso, a bem dizer, é muito semelhante ao seu. Fomos ao círculo carnal para construir com Jesus, mas caímos na tolice de acreditar que andávamos pela Terra para discutir nossos caprichos. Não executei minha tarefa mediúnica, em virtude da irritação que me dominou, dada a indiferença dos meus familiares pelos serviços espirituais. Nossos instrutores, aqui, muito me recomendaram, antes, que para bem ensinar é necessário exemplificar melhor.**

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- **Entretanto, por minha desventura, tudo esqueci no trabalho temporário da Terra. Se meu marido fazia ponderações, eu criava refutações. Não suportava qualquer parecer contrário ao meu ponto de vista, em matéria de crença, incapaz de perceber a vaidade e a tolice dos meus gestos. Das irreflexões nasceu minha perda última, na qual agravei, de muito, as responsabilidades.**

OS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA – DIFICULDADES CONJUGAIS

- **Quase mensalmente, Joaquim e eu nos empenhávamos em discussões e não trocávamos apenas os insultos contundentes, mas também os fluidos venenosos, segregados por nossa mente rebelde e enfermiça. Entre os conflitos e suas consequências, passei o tempo inutilizada para qualquer trabalho de elevação espiritual.**

**ASPECTOS PSICO-
ESPIRITUAIS DOS
CASOS DE MARIANA
E SUA AMIGA**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DOS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA

- **Reflitamos sobre o caso de Mariana e sua amiga com base nos itens:**
- **O bem que elas praticaram.**
- **O bem que deixaram de praticar.**
- **O mal que elas praticaram.**
- **O mal que elas evitaram.**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DOS CASOS DE MARIANA E SUA AMIGA

- **Autoengano por usar os familiares como desculpa para a não-realização das atividades espirituais – foco no outro.**
- **Reclamações devido à discordância dos familiares em termos de crença religiosa.**
- **Ausência de exemplificação de renúncia e abnegação, trocando fluidos venenosos nas discussões devido à rebeldia.**

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- — Afinal, Ernestina — indagava uma delas à mais jovem —, qual foi a causa do seu desastre?
- — Apenas o medo, minha amiga — explicou-se a interpelada —, tive medo de tudo e de todos. Foi o meu grande mal.
- — Mas, como tudo isto impressiona! Você foi muitíssimo preparada. Recordo-me ainda das nossas lições em conjunto. As instrutoras do Esclarecimento confiavam extraordinariamente no seu curso.

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- Seu aproveitamento era um padrão para nós outras.
- - Sim, minha querida Benita, suas reminiscências fazem-me sentir, com mais clareza, a extensão da minha bancarrota pessoal. Entretanto, não devo fugir à realidade. Fui a culpada de tudo. Preparei-me o bastante para resgatar antigos débitos e efetuar edificações novas; contudo, não vigiei como se impunha.

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- **O chamamento ao serviço ressoou no tempo próprio, orientando-me o raciocínio a melhores esclarecimentos; nossos instrutores me proporcionavam os mais santos incentivos, mas desconfiei dos homens, dos desencarnados e até de mim mesma. Nos estudiosos do plano físico, enxergava pessoas de má fé; nos irmãos invisíveis, presumia encontrar apenas galhofeiros fantasiados de orientadores, e, em mim mesma, receava as tendências nocivas.**

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- **Muitos amigos tinham-me em conta de virtuosa, pelo rigorismo das minhas exigências; todavia, no fundo, eu não passava de enferma voluntária, carregada de aflições inúteis.**
- **— Foi uma grande infantilidade da sua parte — retrucou a outra —, você olvidou que, na esfera carnal, o maior interesse da alma é a realização de algo útil para o bem de todos, com vistas ao Infinito e à Eternidade.**

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- **Nesse mister, é indispensável contar com o assédio de todos os elementos contrários. Ironias da ignorância, ataques da insensatez, sugestões inferiores da nossa própria animalidade surgirão, com certeza, no caminho de todo trabalhador fiel. São circunstâncias lógicas e fatais do serviço, porque não vamos ao mundo físico para descanso injustificável, mas para lutar pela nossa melhoria, a despeito de todo impedimento fortuito.**

O CASO DE ERNESTINA – MEDO

- —Compreendo, agora — disse a outra —; todavia, o receio das mistificações prejudicou minha bela oportunidade.
- — É, minha amiga — tornou a interlocutora —, é tarde para lamentar. Tanto tememos as mistificações, que acabamos por mistificar os serviços do Cristo.

**ASPECTOS PSICO-
ESPIRITUAIS DO
CASO DE
ERNESTINA**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE ERNESTINA

- Reflitamos sobre o caso de Ernestina com base nos itens:
- O bem que ela praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ela praticou.
- O mal que ela evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE ERNESTINA

- **Medo de tudo e de todos pensando apenas nas mistificações, desconfiando dos homens, dos desencarnados e até de si mesma.**
- **Ausência de vigilância.**
- **Tornou-se enferma voluntária, carregada de aflições inúteis.**
- **Autoengano por temer tanto as mistificações, que acabou por mistificar os serviços do Cristo.**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Afastando-nos para um canto do salão, acompanhei Vicente que se dirigiu a um velhote de fisionomia simpática.
- —Então, meu caro Joel, como vai? — perguntou, atencioso.
- O interpelado teve uma expressão melancólica e informou:
- —Graças à Bondade Divina, sinto-me bastante melhorado. Tenho ido diariamente às aplicações magnéticas dos Gabinetes de Socorro, no Auxílio, e estou mais forte.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- —Cederam as vertigens? — indagou o companheiro, com interesse.
- —Agora são mais espaçadas e, quando surgem, não me afligem o coração com tanta intensidade.
- Nesse instante, Vicente descansou os olhos muito lúcidos nos meus, e disse, sorrindo:
- —Joel também andou nos círculos carnais em tarefa mediúnica e pode contar experiência muito interessante.
- O novo amigo, que me parecia um enfermo em princípios de convalescença, esboçou melancólico sorriso e falou:

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- — Fiz minha tentativa na Terra, mas fracassei. A luta não era pequena e fui fraco demais.
- — O que mais me impressiona no caso dele, porém — interpôs Vicente em tom fraterno —, e a moléstia que o acompanhou até aqui e persiste ainda agora. Joel atravessou as regiões inferiores com dificuldades extremas, após demorar-se por lá muito tempo, voltando ao Ministério do Auxílio perseguido de alucinações estranhas, relativamente ao pretérito.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- — Ao passado? — perguntei, surpreendido.
- — Sim — esclareceu Joel, humilde —, minha tarefa mediúnica exigia sensibilidade mais apurada, e, quando me comprometi à execução do serviço, fui ao Ministério do Esclarecimento, onde me aplicaram tratamento especial, que me aguçou as percepções. Necessitava condições sutis para o desempenho dos futuros deveres. Assistentes amigos desdobraram-se em obséquios, por me favorecerem, e parti para a Terra com todos os requisitos indispensáveis ao êxito de minhas obrigações. Infelizmente, porém...

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- — Mas porque — indaguei — perdeu as realizações? Tão só em virtude da sensibilidade adquirida?
- Joel sorriu e obtemperou:
- — Não perdi pela sensibilidade, mas pelo seu mau uso.
- — Que diz? — tornei, admirado.
- — O meu amigo compreenderá sem dificuldades. Imagine que, com um cabedal dessa natureza, ao invés de auxiliar os outros, perdi-me a mim mesmo.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- É que, segundo concluo agora, Deus concede a sensibilidade apurada como espécie de lente poderosa, que o proprietário deve usar para definir roteiros, fixar perigos e vantagens do caminho, localizar obstáculos comuns, ajudando ao próximo e a si mesmo. Procedi, porém, ao inverso. Não utilizei a lente maravilhosa, no mister justo. Deixando-me empolgar pela curiosidade doentia, apliquei-a tão somente para dilatar minhas sensações.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- **No quadro dos meus trabalhos mediúnicos, estava a recordação de existências pregressas como expressão indispensável ao serviço de esclarecimento coletivo e benefício aos semelhantes, que me fora concedido realizar, mas existe uma ciência de recordar, que não respeitei como devia.**
- **Interrompendo um instante a narrativa, aguçava-me o desejo de conhecer-lhe a experiência pessoal até ao fim. Em seguida, continuou no mesmo diapasão:**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- - Ao primeiro chamado da esfera superior, acorri, apressado. Sentia, intuitivamente, a vívida lembrança de minhas promessas em “Nosso Lar”. Tinha o coração repleto de propósitos sagrados. Trabalharia. Espalharia muito longe a vibração das verdades eternas. Contudo, aos primeiros contatos com o serviço, a excitação psíquica fez rodar o mecanismo de minhas recordações adormecidas, como o disco sob a agulha da vitrola, e lembrei toda a minha penúltima existência, quando envergara a batina, sob o nome de Monsenhor Alejandro Pizarro, nos últimos períodos da Inquisição Espanhola.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Foi, então, que abusei da lente sagrada a que me referi. A volúpia das grandes sensações, que pode ser tão prejudicial como o uso do álcool que embriaga os sentidos, fez-me olvidar os deveres mais santos. Bafejaram-me claridades espirituais de elevada expressão. Desenvolveu-se-me a clarividência, mas não estava satisfeito senão com rever meus companheiros visíveis e invisíveis, no setor das velhas lutas religiosas.**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- **Impunha a mim mesmo a obrigação de localizar cada um deles no tempo, fazendo questão de reconstituir-lhes as fichas biográficas, sem cuidar do verdadeiro aproveitamento no campo do trabalho construtivo. A audição psíquica tornou-se-me muito clara; entretanto, não queria ouvir os benfeitores espirituais sobre tarefas proveitosas e sim interpelá-los, ousadamente, no capítulo da minha satisfação egoística.**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Despendi um tempo enorme, dentro do qual fugia aos companheiros que me vinham pedir atividades a bem do próximo, engolfado em pesquisas referentes à Espanha do meu tempo. Exigia notícias de bispos, de autoridades políticas da época, de padres amigos que haviam errado tanto quanto eu mesmo.
- - Não faltaram generosas advertências. Frequentemente, os colegas do nosso grupo espiritista chamavam-me a atenção para os problemas sérios de nossa casa.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- **Eram sofredores que nos batiam à porta, situações que reclamavam testemunho cristão. Tínhamos um abrigo de órfãos em projeto, um ambulatório que começava a nascer e, sobretudo, serviços semanais de instrução evangélica, nas noites de terças e sextas-feiras. Mas, qual! eu não queria saber senão das minhas descobertas pessoais. Esqueci que o Senhor me permitia aquelas reminiscências, não por satisfazer-me a vaidade, mas para que entendesse a extensão dos meus débitos para com os necessitados do mundo e me entregasse à obra de esclarecimento e conforto aos feridos da sorte.**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- **Contrariamente à expectativa dos abnegados amigos que me auxiliaram na obtenção da oportunidade sublime, não me movi no concurso fraterno e desinteressei-me da doutrina consoladora, que hoje revive o Evangelho de Jesus entre os homens. Somente procurei, a rigor, os que se encontravam afins comigo, desde o pretérito. Nesse propósito, descobri, com evidentes sinais de identidade, personalidades outrora eminentes, em relação comigo.**

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Reconheci o senhor Higino de Salcedo, grande proprietário de terras, que me havia sido magnânimo protetor, perante as autoridades religiosas da Espanha, reencarnado como proletário inteligente e honesto, mas em grande experiência de sacrifício individual. Revi o velho Gaspar de Lorenzo, figura solerte de inquisidor cruel, que me quisera muito bem, reencarnado como paralítico e cego de nascença. E desse modo, meu amigo, passei a existência, de surpresa em surpresa, de sensação em sensação.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Eu, que renascera recordando para edificar alguma coisa de útil, transformei a lembrança em viciação da personalidade. Perdi a oportunidade bendita de redenção, e o pior é o estado de alucinação em que vivo. Com o meu erro, a mente desequilibrou-se e as perturbações psíquicas constituem doloroso martírio. Estou sendo submetido a tratamento magnético, de longo tempo.

A EXPERIÊNCIA DE JOEL

- Nesse momento, porém, o interlocutor empalideceu de súbito. Os olhos, desmesuradamente abertos, vagavam como se fixassem quadros impressionantes, muito longe da nossa perspectiva. Depois cambaleou, mas Vicente o amparou de pronto, e, passando-lhe a destra na frente, murmurava em voz firme:
- — Joel! Joel! Não se entregue às impressões do passado! Volte ao presente de Deus!...
- Profundamente admirado, notei que o convalescente regressava à expressão normal, esfregando os olhos.

ASPECTOS PSICO- ESPIRITUAIS DO CASO DE JOEL

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE JOEL

- Reflitamos sobre o caso de Joel com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE JOEL

- **Plena consciência do dever a cumprir que não se dispôs a realizar.**
- **Fixação no fenômeno por vaidade, em vez da utilização do fenômeno para realizar o bem.**
- **Autoengano por se fixar na memória do passado, vivendo-o no presente sem realizar a tarefa a que era chamado pelos Benfeitores espirituais que não se dispunha a ouvir.**

**BELARMINO, O
DOUTRINADOR**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **As lições eram eminentemente proveitosas. Traziam-me novos conhecimentos e, sobretudo, com elas, admirava, cada vez mais, a bondade de Deus, que nos permitia a todos a restauração do aprendizado para serviços do futuro. Muitos de nós havíamos atravessado zonas purgatoriais de sombra e tormento íntimo. Uns mais, outros menos. Bastara, contudo, o reconhecimento de nossa pequenez, a compreensão do nosso imenso débito e ali estávamos, todos, reunidos em “Nosso Lar”, reanimando energias desfalecidas e reconstituindo programas de trabalho.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Eu via em todos os companheiros presentes o reflorescimento da esperança. Ninguém se sentia ao desamparo.**
- **Observando que numerosos médiuns prosseguiam, em valiosa permuta de ideias, referentemente ao quadro de suas realizações, e ouvindo tantas observações sobre doutrinadores, perguntei a Vicente, em tom discreto:**
- **— Não seria possível, para minha edificação, consultar a experiência de algum doutrinador em trânsito por aqui?**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Recolhendo notícias de tantos médiuns, com enorme proveito, creio não deva perder esta oportunidade.**
- **Vicente refletiu um minuto e respondeu:**
- **— Procuremos Belarmino Ferreira. É meu amigo há alguns meses.**
- **Segui o companheiro, através de grupos diversos. Belarmino lá estava a um canto, em palestra com um amigo. Fisionomia grave, gestos lentos, deixava transparecer grande tristeza no olhar humilde.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- Vicente apresentou-me, afetuoso, dando início à conversação edificante.
- Após a troca de alguns conceitos, Belarmino falou, comovido:
 - — Com que, então, meu amigo deseja conhecer as amarguras de um doutrinador falido?
 - — Não digo isso — obtemperei a sorrir —, desejaria conhecer sua experiência, ganhar também de sua palavra educativa.
- Ferreira esboçou sorriso forçado, que expressava todo o absinto que ainda lhe requieimava a alma, e falou:

BELARMINO, O DOCTRINADOR

- —A missão do doutrinador é muitíssimo grave para qualquer homem. Não é sem razão que se atribui a Nosso Senhor Jesus o título de Mestre. Somente aqui, vim ponderar bastante esta profunda verdade. Meditei muitíssimo, refleti intensamente e concluí que, para atingirmos uma ressurreição gloriosa, não há, por enquanto, outro caminho além daquele palmilhado pelo Doutrinador Divino.

BELARMINO, O DOCTRINADOR

- **É digna de menção a atitude d'Ele, abstendo-se de qualquer escravização aos bens terrestres. Não vemos passar o Senhor, em todo o Evangelho, senão fazendo o bem, ensinando o amor, acendendo a luz, disseminando a verdade.**
- **Nunca pensou nisso? Depois de longas meditações, cheguei ao conhecimento de que na vida humana, junto aos que administram e aos que obedecem, há os que ensinam. Chego, pois, a pensar que nas esferas da Crosta há mordomos, cooperadores e servos.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Muito especialmente, os que ensinam devem ser dos últimos. Entende o meu irmão?**
- **Ah! sim, havia compreendido perfeitamente. A conceituação de Belarmino era profunda, irrefutável. Aliás, nunca ouvira tão belas apreciações, relativamente à missão educativa.**
- **Após ligeiro intervalo, continuou sempre grave:**
- **— Há de estranhar, certamente, tenha eu fracassado, sabendo tanto.**

BELARMINO, O DOCTRINADOR

- **Minha tragédia angustiosa, porém, é a de todos os que conhecem o bem, esquecendo-lhe a prática.**
- **Calou-se de novo, pensou, pensou, e prosseguiu:**
- **— Faz muitos anos, saí de “Nosso Lar” com tarefa de doutrinação no campo do Espiritismo evangélico. Minhas promessas, aqui, foram enormes.**
- **Minha abnegada Elisa dispôs-se a acompanhar-me no serviço laborioso. Ser-me-ia companheira desvelada, abençoada amiga de sempre.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Minha tarefa constaria de trabalho assíduo no Evangelho do Senhor, de modo a doutrinar, primeiramente com o exemplo, e, em seguida, com a palavra.**
- **Duas colônias importantes, que nos convizinhos, enviaram muitos servos para a mediunidade e pediram ao nosso Governador cooperasse com a remessa de missionários competentes para o ensino e a orientação.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Não obstante meu passado culposo, candidatei-me ao serviço com endosso do Ministro Gedeão, que não vacilou em auxiliar-me. Deveria desempenhar atividades concernentes ao meu resgate pessoal e atender à tarefa honrosa, veiculando luzes a irmãos nossos nos planos visível e invisível. Impunha-se-me, sobretudo, o dever de amparar as organizações mediúnicas, estimulando companheiros de luta, postos na Terra a serviço da ideia imortalista.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Entretanto, meu amigo, não consegui escapar à rede envolvente das tentações. Desde criança, meus pais socorreram-me com as noções consoladoras e edificantes do Espiritismo cristão. Circunstâncias várias, que me pareceram casuais, situaram-me o esforço na presidência de um grande grupo espiritista. Os serviços eram promissores, as atividades nobres e construtivas, mas enchi-me de exigências, levado pelo excessivo apego à posição de comando do barco doutrinário.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Oito médiuns, extremamente dedicados ao esforço evangélico, ofereciam-me colaboração ativa; contudo, procurei colocar acima de tudo o preceito científico das provas insofismáveis. Cerrei os olhos à lei do merecimento individual, olvidei os imperativos do esforço próprio e, envaidecido com os meus conhecimentos do assunto, comecei por atrair amigos de mentalidade inferior ao nosso círculo, tão somente em virtude da falsa posição que usufruíam na cultura filosófica e na pesquisa científica.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Insensivelmente, vicejaram-me na personalidade estranhos propósitos egoísticos. Meus novos amigos queriam demonstrações de toda a sorte e, ansioso por colher colaboradores na esfera da autoridade científica, eu exigia dos pobres médiuns longas e porfiadas perquirições nos planos invisíveis. O resultado era sempre negativo, porque cada homem receberá, agora e no futuro, de acordo com as próprias obras. Isso me irritava. Instalou-se a dúvida em meu coração, devagarinho. Perdi a serenidade doutro tempo.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Comecei a ver nos médiuns, que se retraíam aos meus caprichos, companheiros de má vontade e má fé. Prosseguiam nossas reuniões, mas da dúvida passei à descrença destruidora. Não estávamos num grupo de intercâmbio entre o visível e o invisível? Não eram os médiuns simples aparelhos dos defuntos comunicantes? Porque não viriam aqueles que pudessem atender aos nossos interesses materiais, imediatos? Não seria melhor estabelecer um processo mecânico e rápido para as comunicações?**

BELARMINO, O DOCTRINADOR

- **Por que a negação do invisível aos meus propósitos de demonstrar positivamente o valor da nova doutrina?**
- **Debalde, Elisa me chamava para a esfera religiosa e edificante, onde poderia aliviar o espírito atormentado.**
- **O Evangelho, todavia, é livro divino e, enquanto permanecemos na cegueira da vaidade e da ignorância, não nos expõe seus tesouros sagrados.**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- **Por isso mesmo, tachava-o de velharia. E, de desastre a desastre, antes que me firmasse na missão de ensinar, os amigos brilhantes do campo de cogitações inferiores da Terra arrastaram-me ao negativismo completo. Do nosso agrupamento cristão, onde poderia edificar construções eternas, transferi-me para o movimento, não da política que eleva, mas da politicalha inferior, que impede o progresso comum e estabelece a confusão nos Espíritos encarnados.**

BELARMINO, O DOCTRINADOR

- **Por aí, estacionei muito tempo, desviado dos meus objetivos fundamentais, porque a escravidão ao dinheiro me transformara os sentimentos.**
- **E assim foi, até que acabei meus dias com uma bela situação financeira no mundo e... um corpo crivado de enfermidades; com um palácio confortável de pedra e um deserto no coração. A revivescência da minha inferioridade antiga religou-me a companheiros menos dignos no plano dos encarnados e desencarnados, e o resto o meu amigo poderá avaliar: tormentos, remorsos, expiações...**

BELARMINO, O DOUTRINADOR

- Concluindo, asseverou:
- — Mas, como não ser assim? Como aprender sem a escola, sem retomar o bem e corrigir o mal?
- — Sim, Belarmino — disse, abraçando-o —, você tem razão. Tenho a certeza de que não vim tão só ao Centro de Mensageiros, mas também ao centro de grandes lições.

**ASPECTOS PSICO-
ESPIRITUAIS DO
CASO DE
BELARMINO**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE BELARMINO

- Reflitamos sobre o caso de Belarmino com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE ACELINO

- **Consciência do dever a cumprir junto ao Evangelho de Jesus, ensinando pelo exemplo, mas em vez de realizar a tarefa tachou o Evangelho como velharia.**
- **Autoengano pela prática do cientificismo, em detrimento das questões evangélicas, por questões de egoísmo, vaidade e exigências descabidas aos médiuns e aos Espíritos.**

O CASO DE MONTEIRO

O CASO DE MONTEIRO

- — Os ensinamentos aqui são variados.
- Fora o amigo de Belarmino quem tomara a palavra. Mostrando agradável maneira de dizer, continuou:
- — Há três anos sucessivos, venho diariamente ao Centro de Mensageiros e as lições são sempre novas. Tenho a impressão de que as bênçãos do Espiritismo chegaram prematuramente ao caminho dos homens. Se minha confiança no Pai fosse menos segura, admitiria essa conclusão.

O CASO DE MONTEIRO

- Belarmino, que observava atento os gestos do amigo, interveio, explicando:
- — O nosso Monteiro tem grande experiência do assunto.
- — Sim — confirmou ele —, experiência não me falta. Também andei às tontas nas sementeiras terrestres. Como sabem, é muito difícil escapar à influência do meio, quando em luta na carne. São tantas e tamanhas as exigências dos sentidos, em relação com o mundo externo, que não escapei, igualmente, a doloroso desastre.

O CASO DE MONTEIRO

- — Mas, como? — indaguei interessado em consolidar conhecimentos.
- —É que a multiplicidade de fenômenos e as singularidades mediúnicas reservam surpresas de vulto a qualquer doutrinador que possua mais raciocínios na cabeça que sentimentos no coração. Em todos os tempos, o vício intelectual pode desviar qualquer trabalhador mais entusiasta que sincero, e foi o que me aconteceu.
- Depois de ligeira pausa, prosseguiu:

O CASO DE MONTEIRO

- — Não preciso esclarecer que também parti de “Nosso Lar”, noutra tempo, em missão de Entendimento Espiritual. Não ia para estimular fenômenos, mas para colaborar na iluminação de companheiros encarnados e desencarnados.
- O serviço era imenso. Nosso amigo Ferreira pode dar testemunho, porquanto partimos quase juntos. Recebi todo o auxílio para iniciar minha grande tarefa e intraduzível alegria me dominava o espírito no desdobramento dos primeiros serviços.

O CASO DE MONTEIRO

- Minha mãe, que se convertera em minha devotada orientadora, não cabia em si de contente. Enorme entusiasmo instalara-se-me no espírito. Sob meu controle direto, estavam alguns médiuns de efeitos físicos, além de outros consagrados à psicografia e à incorporação; e tamanho era o fascínio que o comércio com o invisível exercia sobre mim, que me distrai completamente quanto à essência moral da doutrina. Tínhamos quatro reuniões semanais, às quais comparecia com assiduidade absoluta.

O CASO DE MONTEIRO

- Confesso que experimentava certa volúpia na doutrinação aos desencarnados de condição inferior. Para todos eles, tinha longas exortações decoradas, na ponta da língua. Aos sofredores, fazia ver que padeciam por culpa própria. Aos embusteiros, recomendava, enfaticamente, a abstenção da mentira criminosa. Os casos de obsessão mereciam-me ardor apaixonado. Estimava enfrentar obsessores cruéis para reduzi-los a zero, no campo da argumentação pesada.

O CASO DE MONTEIRO

- Outra característica que me assinalava a ação firme era a dominação que pretendia exercer sobre alguns pobres sacerdotes católicos-romanos desencarnados, em situação de ignorância das verdades divinas. Chegava ao cúmulo de estudar, pacientemente, longos trechos das Escrituras, não para meditá-los com o entendimento, mas por mastigá-los a meu bel-prazer, bolçando-os depois aos Espíritos perturbados, em plena sessão, com a ideia criminosa de falsa superioridade espiritual.

O CASO DE MONTEIRO

- **O apego às manifestações exteriores desorientou-me por completo. Acendia luzes para os outros, preferindo, porém, os caminhos escuros e esquecendo a mim mesmo. Somente aqui, de volta, pude verificar a extensão da minha cegueira.**
- **Por vezes, após longa doutrinação sobre a paciência, impondo pesadíssimas obrigações aos desencarnados, abria as janelas do grupo de nossas atividades doutrinárias, para descompor as crianças que brincavam inocentemente na rua.**

O CASO DE MONTEIRO

- **Concitava os perturbados invisíveis a conservarem serenidade para, daí a instantes, repreender senhoras humildes, presentes à reunião, quando não podiam conter o pranto de algum pequenino enfermo.**
- **Isso, quanto a coisas mínimas, porque, no meu estabelecimento comercial, minhas atitudes eram inflexíveis. Raro o mês que não mandasse promissórias a protesto público. Lembro-me de alguns varejistas menos felizes, que me rogavam prazo, desculpas, proteção.**

O CASO DE MONTEIRO

- Nada me demovia, porém. Os advogados conheciam minhas deliberações implacáveis. Passava os dias no escritório estudando a melhor maneira de perseguir os clientes em atraso, entre preocupações e observações nem sempre muito retas e, à noite, ia ensinar o amor aos semelhantes, a paciência e a doçura, exaltando o sofrimento e a luta como estradas benditas de preparação para Deus.
- Andava cego. Não conseguia perceber que a existência terrestre, por si só, é uma sessão permanente.

O CASO DE MONTEIRO

- Talhava o Espiritismo a meu modo. Toda a proteção e garantia para mim, e valiosos conselhos ao próximo. Ao demais disso, não conseguia retirar a mente dos espetáculos exteriores. Fora das sessões práticas, minha atividade doutrinária consistia em vastíssimos comentários dos fenômenos observados, duelos palavrosos, narrações de acontecimentos insólitos, crítica rigorosa dos médiuns.
- Monteiro deteve-se um pouco, sorriu e continuou:

O CASO DE MONTEIRO

- —De desvio em desvio, a angina encontrou-me absolutamente distraído da realidade essencial. Passei para cá, qual demente necessitado de hospício.
- Tarde reconhecia que abusara das sublimes faculdades do verbo. Como ensinar sem exemplo, dirigir sem amor? Entidades perigosas e revoltadas aguardaram-me à saída do plano físico. Sentia, porém, comigo, singular fenômeno. Meu raciocínio pedia socorro divino, mas meu sentimento agarrava-se a objetivos inferiores.

O CASO DE MONTEIRO

- **Minha cabeça dirigia-se ao Céu, em súplica, mas o coração colava-se à Terra. Nesse estado triste, vi-me rodeado de seres malévolos que me repetiam longas frases de nossas sessões. Com atitude irônica, recomendavam-me serenidade, paciência e perdão às alheias faltas; perguntavam-me, igualmente, porque me não desgarrava do mundo, estando já desencarnado. Vociferei, roguei, gritei, mas tive de suportar esse tormento por muito tempo.**

O CASO DE MONTEIRO

- Quando os sentimentos de apego à esfera física se atenuaram, a comiseração de alguns bons amigos me trouxe até aqui. E imagine o irmão que meu Espírito infeliz ainda estava revoltado. Sentia-me descontente.
- Não havia fomentado as sessões de intercâmbio entre os dois planos? Não me consagrara ao esclarecimento dos desencarnados?

O CASO DE MONTEIRO

- Percebendo-me a irritação ridícula, amigos generosos submeteram-me a tratamento. Não fiquei satisfeito. Pedi à Ministra Veneranda uma audiência, visto ter sido ela a intercessora da minha oportunidade. Queria explicações que pudessem atender ao meu capricho individual. A Ministra é sempre muito ocupada, mas sempre atenciosa. Não marcou a audiência, dada a insensatez da solicitação; no entanto, por demasia de gentileza, visitou-me em ocasião que reservara a descanso.

O CASO DE MONTEIRO

- Crivei-lhe os ouvidos de lamentações, chorei amargamente e, durante duas horas, ouviu-me a benfeitora por um prodígio de paciência evangélica. Em silêncio expressivo, deixou que me cansasse na exposição longa e inútil. Quando me calei, à espera de palavras que alimentassem o monstro da minha incompreensão, Veneranda sorriu e respondeu: —“Monteiro, meu amigo, a causa da sua derrota não é complexa, nem difícil de explicar.

O CASO DE MONTEIRO

- Entregou-se, você, excessivamente ao Espiritismo prático, junto dos homens, nossos irmãos, mas nunca se interessou pela verdadeira prática do Espiritismo junto de Jesus, nosso Mestre.
- Nesse instante, Monteiro fez longa pausa, pensou uns momentos e falou, comovido:
- — Desde então, minha atitude mudou muitíssimo, entendeu?
- Aturdido com a lição profunda, respondi, mastigando palavras, como quem pensa mais, para falar menos:
- — Sim, sim, estou procurando compreender.

**ASPECTOS PSICO-
ESPIRITUAIS DO
CASO DE
MONTEIRO**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE MONTEIRO

- Reflitamos sobre o caso de Monteiro com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE MONTEIRO

- Entregou-se ao vício intelectual em vez de se dispor a desenvolver o sentimento no coração.
- Pretensa superioridade sobre os Espíritos sofredores e obsessores.
- Autoengano pelo apego às questões exteriores em detrimento da transformação interior, à luz do Evangelho de Jesus.
- Ausência de vivência evangélica nas atividades profissionais.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE MONTEIRO

- Fala vazia de sentimento, apenas para demonstrar falso conhecimento intelectual.
- Raciocínio distanciado do sentimento até após a sua desencarnação.
- Revolta por não ser tratado com privilégios devido ao trabalho que praticou quando encarnado, que tinha em alta conta.

**O CASO DO
MÉDICO
SEXÓLATA**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Tormentos da Obsessão – capítulo 14 – [...] Porque se fizesse um silêncio espontâneo, alonguei o olhar na direção do leito próximo, e pude ver outro paciente envolto em vibrações escuras, que o apresentavam como se fosse uma múmia enlaçada por ataduras especiais que o mantinham imóvel.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- Acompanhando-me a expressão de surpresa, o Benfeitor auxiliou-me o entendimento, informando-me que se tratava de uma deformidade muito especial do perispírito, que fora mutilado pela mente encarnada com ambições desmedidas, produzidas também por terrível incidência obsessiva de hábil hipnotizador sem a indumentária carnal, que induzira aquele Espírito a atitudes de perversão sexual demorada, levando-o a retomar a postura larval...

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **“Não obstante — prosseguiu com gentileza — fosse conhecedor da vida após a morte, porquanto se houvera dedicado a experiências mediúnicas, as perturbações do sexo insaciável conduziram-no ao desrespeito pelo santuário genésico, corrompendo diversas pacientes que lhe buscavam o apoio terapêutico, porquanto se apresentava como portador de valores dessa natureza.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Médico que era, percebera que, na raiz de muitos transtornos psicológicos e distúrbios orgânicos, existem razões anteriores à concepção, face às consequências de condutas equivocadas em outras existências e subsequentes perturbações espirituais, concebendo estranho método de atendimento, e conseguindo, às vezes, dialogar com os desencarnados em perturbação, sensibilizando-os, em algumas ocasiões.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Com avidez incomum para amealhar moedas e açodado no comportamento sexual pela mente transtornada, seduzia as pacientes que o buscavam aflitas, mantendo conúbios infelizes sob a justificativa de que, através desse relacionamento, se lhes tornava mais fácil a recuperação da saúde. Hábil, na conversação, e sedutor, iludiu algumas mulheres que lhe caíram nas teias ardilosas, e quando algumas se apresentaram grávidas, não trepidou em propiciar-lhes o aborto criminoso com que se evadia da responsabilidade paterna.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Como ninguém consegue desrespeitar as Leis da Vida sem sofrer-lhes as imediatas consequências, uma jovem se lhe afeioou apaixonadamente, transformando-se em fardo desagradável. Havendo concebido dele um filho, e sendo obrigada a abortá-lo no quarto mês de gestação, ao ser desprezada com indiferença apelou para o suicídio, em que sucumbiu martirizada e desditosa...**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Despertando em profunda desolação e vigiada por verdugos impenitentes, foi arrebanhada por um dos perversos inspiradores do insensato, que a conduziu ao campo vibratório do desarvorado, ampliando-lhe os tormentos mentais que já o sitiavam interiormente. Vencido pela consciência de culpa, passou a recordar-se da jovem obsessivamente, a ouvi-la na tela mental e a desejá-la como anteriormente, enquanto prosseguia nos desatinos a que se entregava cada vez mais ávido e alucinado...**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **Dr. Ignácio acercou-se do leito e, convidando-me a observar profundamente o que existia além da camada externa que envolvia o Espírito, pude detectar-lhe a deformidade que o assinalava, fazendo recordar-me o estado de larva que precede à forma definitiva. Somente que, ali, ocorria o oposto: as desvairadas aspirações que o dominavam perturbaram-lhe em demasia a mente, e a hipnose bem urdida pelos inimigos produziu na plasticidade do perispírito a degenerescência chocante que agora se manifestava.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- Pude perceber também, que mentalmente continuava ligado à suicida que se lhe imantava ao pensamento embora estando distante, enquanto vozes desesperadas e acusadoras ressoavam na acústica mental, recordando-o dos crimes cometidos.

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- — Aqui está conosco, porque — explicou o esculápio amigo — apesar de todos os lances trágicos da sua infeliz existência, momentos houve, no início das experiências, em que procurou auxiliar desinteressadamente a diversas pessoas, quando socorreu como médico muitos enfermos pobres, e esse concurso no Bem não ficou desconhecido pelos Códigos soberanos.**

O CASO DO MÉDICO SEXÓLATRA

- **O Senhor continua desejando o desaparecimento do pecado, do erro, do mal, não o do pecador, do equivocados, do doente que ficou mau, havendo sempre a bênção para o recomeço, jamais uma punição eterna ou um castigo sem remissão.**
- **— E de quanto tempo necessitará para o despertar? — interroguei, impressionado:**
- **Com a sua proverbial prudência, respondeu:**

O CASO DE GUSTAVO

- - Não existe pressa no relógio da Eternidade... O tempo é dimensão muito especial em nossa Comunidade, apesar de aqui nos encontrarmos sob as vibrações e o magnetismo do Sol. Nesse caso, muitos fatores estão no acontecimento em si mesmo, aguardando solução adequada...
- O certo é que, estando amparado em nosso pavilhão, isso já lhe constitui uma bênção de reconforto e de esperança após os longos anos de martírio em região particular para onde foi empurrado pelos seus algozes e comparsas espirituais.

ASPECTOS PSICO- ESPIRITUAIS DO CASO DO MÉDICO

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DO MÉDICO

- Reflitamos sobre o caso do médico com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DO MÉDICO

- Utilização da condição de médico para seduzir pacientes apesar da mediunidade e do conhecimento espiritual que detinha.
- Prática do aborto criminoso para fugir à paternidade.
- Consciência de culpa agravou o processo obsessivo.
- Auxiliou desinteressadamente a diversas pessoas, quando socorreu como médico muitos enfermos pobres, e esse concurso no Bem não ficou desconhecido pelos Códigos soberanos.

O CASO DE GUSTAVO

O CASO DE GUSTAVO

- **Tormentos da Obsessão – capítulo 16 – — Visitaremos — elucidou o diretor — o irmão Gustavo Ribeiro, que foi recolhido em nossa Clínica após dois anos da desencarnação, quando recambiado do lar e da família a que se fixava em terrível perturbação psíquica.**
- **Sob tratamento especializado, há mais de seis meses, reajusta-se e readquire, mui lentamente, o equilíbrio da consciência.**

O CASO DE GUSTAVO

- Quando nos adentramos no agradável apartamento, encontramos sob a carinhosa vigilância de dois enfermeiros, que nos saudaram jovialmente, um cavalheiro com aproximadamente cinquenta e cinco anos, com as mãos embranquecidas e acentuado desgaste orgânico de que fora vítima na Terra, com uma fâcies desfigurada e macilenta. O olhar desvairado fitava um ponto vago, e agitava-se com regularidade, bracejando no ar e chorando copiosamente.

O CASO DE GUSTAVO

- Os dedicados assistentes acalmavam-no com palavras repassadas de carinho e de lucidez, auxiliando-o a retornar à postura anterior.
- Observando-o com cuidado, não detectei vinculação direta com qualquer Entidade perversa, que fosse responsável pelo seu desequilíbrio, o que me surpreendeu, sobremaneira.
- Olhando o médico interrogativamente, o amigo atento percebeu a minha perplexidade e correu em meu auxílio, explicando-me:

O CASO DE GUSTAVO

- — Não se trata de perturbação obsessiva, mas de transtorno mental, ocasionado pela rebeldia e insensatez do próprio paciente. O nosso caro Gustavo é o protótipo do indivíduo que, da Vida, somente se atribui méritos, tomado sempre de altas doses de presunção e rico de cultura vazia. Atraído ao Espiritismo, faz mais de vinte anos, quando contava pouco mais de trinta e cinco janeiros, portador então de delicado problema de saúde, pareceu descobrir as respostas para os enigmas teológicos e existenciais que o aturdiavam.

O CASO DE GUSTAVO

- **Advogado de profissão, com família constituída, abraçou as ideias novas com o entusiasmo que resultava também da recuperação da saúde.**
- **Beneficiado pela fluidoterapia, enquanto recebia conveniente ajuda médica, seus mentores trabalharam com afinco para auxiliá-lo na liberação de altas cargas de energia deletéria que absorvia dos inimigos desencarnados, que o perseguiram com crueldade e pertinácia.**

O CASO DE GUSTAVO

- Havia, portanto, no seu problema orgânico significativa contribuição espiritual negativa, que o ameaçava no transcurso dos dias. Lentamente, graças aos recursos combinados da Ciência médica e do auxílio espiritual, o amigo recompôs o quadro da saúde, tornando-se um entusiasta simpatizante do Espiritismo.

O CASO DE GUSTAVO

- Possuidor de temperamento forte e autoritário, logo começou a discordar da administração da Entidade, apresentando sugestões descabidas e referindo-se desagradavelmente, com a arrogância que lhe era habitual, a algumas atividades que ali se desenvolviam.

O CASO DE GUSTAVO

- “Amiúde ocorre nos comportamentos humanos atitudes dessa natureza. Os indivíduos são atraídos a qualquer tipo de realização, e, sem estrutura nem experiência, imaturos e um tanto irresponsáveis, começam a atirar petardos destruidores em todas as direções, acreditando-se detentores do conhecimento pleno, que pode ser muito expressivo na teoria mas inoperante na prática.

O CASO DE GUSTAVO

- Ao invés de auxiliarem sem imposição, corrigindo, quando necessário, após haverem adquirido a confiança do grupo e dado provas de sinceridade, de lealdade ao dever, agem de maneira inversa, cuidando mais das prerrogativas do ego do que da edificação de todos. Muito sensíveis, são severos com os demais e muito melindrosos, sentindo-se magoados por qualquer coisa, ou pelo simples fato de não serem aceitas suas ideias estapafúrdias.

O CASO DE GUSTAVO

- No caso em tela, o amigo, não sendo atendido, como realmente não deveria ser, face às suas descabidas exigências, abandonou a Instituição onde se beneficiara e começou a peregrinação para encontrar uma que fosse modelar, isto é, dentro dos ângulos estreitos da sua convicção. Passou a estudar a Doutrina, e logo começou a detectar erros e conceitos que atribuía estarem superados, preocupando-se em corrigir o que ignorava, ao invés de autocorrigir-se, o que é certamente mais difícil.**

O CASO DE GUSTAVO

- “Não demorou muito tempo, e transformou-se no que se denominava como espírita de gabinete, eufemismo bem elaborado para justificar-se a preguiça, a inutilidade pessoal, distanciando-se do trabalho e quedando-se na postura de atirador de pedras. A família não lhe recebeu a orientação espiritual conveniente, os filhos cresceram sem formação religiosa e sem a necessária assistência paterna em razão das dificuldades de relacionamento, quando foi acometido de pertinaz enfermidade que o consumiu lentamente.

O CASO DE GUSTAVO

- **Nesse comenos, procurou apoio espiritual na antiga Instituição onde anteriormente se beneficiara, mas, não obstante a abnegação dos seareiros de boa vontade, o processo cancerígeno prostático era irreversível, e o caro confrade desencarnou em situação penosa, assinalada pela revolta surda contra a Vida...**
- **Calou-se o bondoso médico e olhou demoradamente para o enfermo em novo episódio de alucinação. Logo após, acentuou:**

O CASO DE GUSTAVO

- **Miranda, somos o que cultivamos em nosso pensamento. Semeamos ventos mentais e colhemos tempestades morais avassaladoras. Enquanto não nos resolvamos pela solução dos problemas íntimos, alterando nossa conduta mental, adquirindo lúcida compreensão das Leis de Deus para vivenciá-las, estaremos cercados pelos tesouros da felicidade sem nos apercebermos, antes, barafustando-nos pelos lugares onde nos encontrarmos.**

O CASO DE GUSTAVO

- Porque a sua não fosse uma fé trabalhada na razão e no sentimento, sua lógica era também anárquica, que deveria funcionar em seu favor, desejando submeter a Lei de Causa e Efeito ao seu talante, esquecido de que, afinal, a vida é do Espírito e não do corpo transitório. A função da Doutrina Espírita é preparar o ser humano para a compreensão da sua imortalidade, jamais para ajudá-lo a conquistar coisas e posições terrenas que o destacam no grupo social, mas não o dignificam nem o engrandecem moralmente.

O CASO DE GUSTAVO

- Ainda permanece em muitos simpatizantes do pensamento espírita a falsa ideia de coletar benefícios pessoais e sociais, quando aderindo aos postulados kardequianos, tendo a vida modificada para mais prazer e maior soma de comodidades. Outros, igualmente mantêm a respeito do Espiritismo a falsa ideia mitológica em torno das Entidades Nobres, que deverão estar às suas ordens, solucionando-lhes os problemas que engendram, atendendo-os nas suas questiúnculas e necessidades do processo evolutivo.

O CASO DE GUSTAVO

- “O amigo Gustavo é mais um naufrago, que teve oportunidade de encontrar a embarcação segura, a bússola para conduzi-lo no oceano imenso, o timão de equilíbrio e, não obstante, resolveu guiar-se pelos instrumentos equivocados das próprias paixões.
- [...] — E qual a terapia que lhe tem sido oferecida, a fim de liberá-lo do transtorno psíquico em que se debate?
- Pacientemente, o Amigo explicou:

O CASO DE GUSTAVO

- — Três vezes por dia são-lhe aplicados recursos magnéticos para reajustamento dos neurônios perispirituais desagregados pelas ondas da rebeldia que lhe assinalou a existência física. As sinapses, sofrendo a irregularidade das cargas elétricas, funcionam-lhe desordenadamente liberando os fantasmas encarcerados no inconsciente, que foram os comportamentos odientos, censuráveis, que agora, ressuscitados, perturbam-no.

O CASO DE GUSTAVO

- Duas vezes por semana são aplicadas técnicas hipnóticas, levando-o a processos regressivos, a fim de serem trabalhadas as lembranças, que recebem terapia calmante para que desapareçam, lentamente diluídas as formas de conflitos e remorsos que o aturdem. Concomitantemente, são realizadas leituras edificantes que se lhe vão imprimindo na mente e estabelecendo novos raciocínios propiciadores de paz e de esperança.

O CASO DE GUSTAVO

- — Qual a perspectiva — insisti com amabilidade — de recuperação da sua lucidez mental?
- — Dependerá do esforço dele mesmo — redarguiu, gentilmente. — As fixações mentais são trabalho de demorado curso, realizadas por aqueles que as estimam. Quando de qualidade inferior, mantêm-se prejudicando e enlouquecendo. E natural que a sua desestruturação ocorra também de maneira lenta, a fim de serem evitados choques emocionais no comportamento dos pacientes.

O CASO DE GUSTAVO

- **A violência não faz parte dos Soberanos Códigos, sendo expressão de atraso espiritual daquele que a desencadeia. Assim mesmo, providências cuidadosas têm sido tomadas, de forma a reconduzi-lo à realidade.**

**ASPECTOS PSICO-
ESPIRITUAIS DO
CASO DE
GUSTAVO**

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE GUSTAVO

- Reflitamos sobre o caso de Gustavo com base nos itens:
- O bem que ele praticou.
- O bem que deixou de praticar.
- O mal que ele praticou.
- O mal que ele evitou.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE GUSTAVO

- Autoengano atribuindo-se méritos que não possuía, tomado de altas doses de presunção e rico de cultura vazia.
- Devido ao temperamento forte e autoritário discordava da administração do Centro Espírita com arrogância e sem ter maturidade para apresentar a solução do problema que apontava.
- Discordava da própria Doutrina Espírita em que encontrava pontos que acreditava estar superados.

ASPECTOS PSICO-ESPIRITUAIS DO CASO DE GUSTAVO

- Não ofereceu a orientação espiritual à família, deixando esposa e filhos carentes de iluminação.
- Nutriu revolta surda contra a Vida por não ter obtido a cura para o câncer de próstata que desenvolveu, desejando submeter a lei de causa e efeito ao seu talento.
- Tornou-se espírita de gabinete, não realizando nada de útil.
- Fixação em conflitos e remorsos através de fixações mentais, terminando por desestruturar a própria mente.

Acesse:



PROJETO

ESPIRITIZAR

Qualificar e Humanizar para Espiritizar

www.espiritizar.com.br